

Uma Safo no modernismo português: Poesia e Prosa, de Judith Teixeira

Larissa da Silva Lisboa Souza *

Jorge Vicente Valentim **

No ano em que se comemorou o centenário da Revista *Orpheu*, levantou-se discussões que envolvem o movimento modernista em Portugal, o livro de Judith Teixeira, *Poesia e Prosa* (2015), publicado sob a chancela da editora Dom Quixote, constitui uma ilustre contribuição dos novos olhares da crítica literária sobre figuras femininas de inquestionável relevância, mas silenciadas na historiografia oficial das primeiras décadas do século XX.

Judith Teixeira foi uma escritora à frente de seu tempo. Vivendo em um Portugal patriarcal e conservador, no início do século XX, em que poucas eram as mulheres que rasuravam os espaços majoritariamente masculinos, como o literário, Teixeira não deixou de explicitar em suas obras inúmeras virtudes e sua maneira peculiar de ver e estar no mundo, enquanto escritora, aliadas a uma transgressão discursiva sobre os desejos femininos.

Seus textos, considerados para muitos como imorais, tinham como temática a subjetividade do feminino, enquanto possibilidade de escrita sobre os desejos, anseios, perspectivas e desesperanças. Tanto em seus versos de “O meu vestido” (*Decadência*, 1923), em que o eu-lírico apresenta as tonalidades de sua dinâmica corporal e erótica, “O meu vestido / de cores farpantes, / rubras e verdes, roxas e pretas, / como as asas multicores / das borboletas, / tem no cetim de mil cores / vibrações estonteantes...” (TEIXEIRA, 2015, p. 71), quanto nos textos em prosa, a exemplo de sua conferência *De mim* (1926), em que o leitor encontra a explicação das cores, reverberadas no projeto de escrita judithiano, “Obedeço sempre à impressão do momento, colorindo as palavras e vestindo ou despindo as imagens das suas cores mais vivas, porque são essas justamente as que mais satisfazem o meu temperamento artístico e psíquico” (TEIXEIRA, 2015, p. 286), em ambos os casos a autora de *Satânia* não deixa de revelar as suas máscaras.

E uma dessas roupagens, para além da assumpção de uma voz feminina em suas obras, pode ser encontrado na maneira como Judith Teixeira conseguiu trazer em seus textos um elemento ainda mais ameaçador à ordem e ao *status quo* estabelecido: a temática lésbica. Se nos textos contemporâneos de autoria feminina em Portugal ainda é possível encontrar poucas obras que tratam esse tema, a exemplo dos trabalhos fulcrais de Isabel de Sá, Cecília Barreira e Ana Luísa Amaral, compreende-se por que durante todo o século XX a obra poética de Teixeira fora descartada pela crítica e pelo público.

* Doutoranda pelo Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (DLCV) da Universidade de São Paulo (USP). E-mail: lari.lisboa@gmail.com

** Professor Associado de Literaturas de Língua Portuguesa (Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa) do Departamento de Letras da UFSCar. Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/Araraquara. E-mail: jvvalentim@gmail.com

Felizmente, seus *Poemas* foram relançados pela Editora &etc, em 1996. Apesar da publicação em tiragem pequena, depois dessa guinada inicial que propunha a revisitação de suas obras, não se pode negar que foi aberto um campo fértil para que a crítica literária pudesse investigar os caminhos pouco explorados sobre os trabalhos artísticos de Judith Teixeira. Por isso, já nestas primeiras décadas do novo milênio, há relevantes trabalhos sobre suas obras.

Um dos exemplos é o presente e minucioso trabalho de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva, na tarefa árdua de trazer, à luz da crítica, as obras da escritora. A partir de inúmeras pesquisas dos materiais que estavam disponíveis, como a edição da &etc, mais as novas obras encontradas nas prateleiras empoeiradas das bibliotecas de Portugal, a recente edição *Poesia e Prosa* recupera a figura desta escritora que, durante muito tempo, parece ter padecido da maldição lançada por José Régio, já no primeiro número da Revista *presença*.

Construído de forma seriada, e com notas e estudos introdutórios sobre a obra da escritora, o livro traz todos os poemas de sua primeira e polêmica obra, *Decadência* (1923), além dos títulos *Castelo de Sombras* (1923), *Nua – Poemas de Bizâncio* (1926) e alguns poemas esparsos, que não compunham nenhuma das obras anteriores. A contribuição inédita do livro traz uma série de poemas encontrados por Cláudia Pazos Alonso, com datas aleatórias e intitulados como, *Poemas a tinta*, *Rascunhos – Fragmentos a lápis* e *Poema esparso em folhas soltas*. É de sua autoria os dois estudos introdutórios sobre a obra poética publicada e inédita da autora (“Judith Teixeira: um caso modernista insólito” e “Um caderno com poemas inéditos de Judith Teixeira: apresentação e conclusões preliminares”) que oferecem um renovado olhar sobre os versos judithianos.

Já na seção dos textos em prosa, os organizadores incluem mais uma contribuição inédita, a conferência *Da saudade* (sem data), além da reedição da polêmica conferência *De mim* (1926), há muito fora de mercado e do acesso ao público. Ademais, o livro finaliza sua edição com duas novelas da escritora, que foram publicadas em seu livro *Satânia* (1927), a primeira homônima da coletânea e a segunda, intitulada como “Insaciada”. Nesta segunda seção, coube a Fabio Mario da Silva uma leitura cuidadosa e refinada dos títulos de Judith Teixeira (“O manuscrito *Da saudade*” e “Judith Teixeira: entre o modernismo e o feminismo”), oferecendo ao leitor um painel pontual sobre a relevância dos textos da autora.

Duas observações ainda dignas de nota. A primeira é sobre a generosidade dos organizadores desta antologia. Nos estudos e notas introdutórios, Claudia Alonso e Fabio Mario dão crédito aos investigadores que, antes deles, também se debruçaram sobre a *Safo* do modernismo português, ao incluir, nas referências bibliográficas, os nomes e títulos dos ensaios publicados sobre ela. Além de ser um indicativo da seriedade com que foram buscar as informações precisas sobre a autora de *Decadência*, também não deixa de se configurar como uma justa homenagem àqueles que tanto trabalharam para que o nome de Judith Teixeira não caísse no esquecimento.

A segunda nota fica por conta do refinadíssimo trabalho de arte da Editora Dom Quixote. Com uma imagem delicada, mas com cores marcantes (galhos e folhas rosas com uma contracapa e lombada pretas, formando um contraste sedutor e bem atrativo), as surpresas estendem-se para o interior da publicação: todas as notas e os estudos introdutórios são destacados das obras da autora em foco, porque aparecem com folhas de coloração cinza. Trata-se, portanto, de um cuidadoso e muito bem pensado trabalho conjunto de edição.

Se em *Sodoma divinizada*, Fernando Pessoa e Raul Leal optaram por não incluir o nome de Judith Teixeira, felizmente, o avanço da crítica literária junto com os estudos de gênero trazem a escritora para o seu verdadeiro e merecido lugar nesta Sodoma, não apenas divinizada, como também corporificada, na materialidade feminina, que ousou romper barreiras temporais. Por isso, um pretério (im)perfeito que, finalmente, começa a ser despertado.

Portanto, vale destacar o mérito de Cláudia Passos Alonso e Fabio Mario da Silva que, nas efemérides de *Orpheu*, em resgatar a figura de Judith Teixeira, que com os artistas de 1915 respirou os ares da renovação modernista em Portugal, e da editora, que aceitou o desafio de não deixar aquela *Safo* sem o seu espaço de merecimento no mercado livreiro. Logo, parece-nos a maneira mais justa e sensata de reafirmar o anseio da autora de *De mim*: “É que minha alma sobe tanto nas suas crispações de volúpia e de beleza que certos espíritos – os *fixos* – a não podem alcançar!” (TEIXEIRA, 2015, p. 286).

Convite feito pelas mãos judithianas, fica o desejo de que os leitores consigam superar o estado de fixidez e alcançar, pela leitura, os momentos de beleza que ora se oferecem.

Referência

TEIXEIRA, Judith. *Poesia e Prosa*. Organização e estudos introdutórios de Cláudia Pazos Alonso e Fabio Mario da Silva. Lisboa: Dom Quixote, 2015.

Recebido em: 26 de agosto de 2017

Aceito em: 22 de fevereiro de 2018